

Jorge Lima

Jorge Mateus de Lima nasceu em 23 de abril de 1895, em União dos Palmares, Alagoas. Estreou na literatura em 1914, ainda fortemente influenciado pelo Parnasianismo, com XIV alexandrinos, o que lhe valeu mais tarde o título de Príncipe dos Poetas Alagoanos. Em 1926, já formado em Medicina, ingressou na vida política, elegendendo-se deputado estadual pelo Partido Republicano; em 1930, por motivos políticos, foi obrigado a abandonar Alagoas, indo viver no Rio de Janeiro. Em 1946, com a redemocratização do país, elegeu-se vereador do Rio de Janeiro pela UDN. Faleceu em 15 de novembro de 1953.

A exemplo de Murilo Mendes, Jorge de Lima também trilhou caminhos curiosos na literatura brasileira: do parnasianismo de XIV alexandrinos evoluiu para a poesia social e a poesia de caráter religioso.

Sua poesia social apresenta belas composições, de coloração regional, em que ele usa sua memória de menino branco, marcado pela infância repleta de imagens dos engenhos e de negros trabalhando em regime de escravidão.

Obras principais: A túnica inconsútil (1938); Poemas negros (1947); Invensão de Orfeu (1952)

- Sua carreira poética iniciou-se sob o signo parnasiano.
- Apresenta uma fase nordestina caracterizada pela registro poético da realidade existencial, cultural e histórica da região. O popular aparece identificado com o mundo dos engenhos decadentes.
- Captação (com uma linguagem cheia de expressões populares) do saber, das crenças e dos aspectos pitorescos desse universo rural nordestino.
- Valorização da religiosidade de substrato católico.
- Teve ainda uma fase de celebração da cultura negra, seus ritmos e costumes. Usou um linguajar afro-brasileiro para conferir maior verdade antropológica e linguística aos textos. Essa negra Fulô louva o sensualismo das escravas e virou peça antológica:

Ora, se deu que chegou
(isso já faz muito tempo)
no bangüê dum meu avô
uma negra bonitinha
chamada Fulô (...)
Sinhô foi ver a negra
levar couro do feitor
A negra tirou a roupa.
O Sinhô disse: Fulô!
(A vista se escureceu
que nem a negra Fulô.)